CADERNOS AH!

#21

14 TESES SOBRE A COMUNA

GUY DEBORD, ATTILA KOTÁNYI
E RAOUL VANEIGEM

14 Teses sobre a Comuna
Guy Debord, Attila Kotányi e Raoul Vaneigem

Tradução: Fernando Ramalho
Paginação: Fernando Ramalho
Origem do texto: Guy Debord, Attila Kottányi e Raoul Vaneigem, «14 thèses sur la Commune», *Internationale Situationiste* n.º 7, Abril de 1962.
Imagem da capa: https://thesinisterquarter.wordpress.com/2022/05/05/the-hamburg-theses-of-september-1961-guy-debord/.

Guy Debord (1931-1994), francês, Attila Kottányi (1924-2003), húngaro, e Raoul Vaneigem (1934-), belga, foram membros da Internacional Situacionista.

Outubro de 2024

www.muralsonoro.com
muralsonoro.info@gmail.com

1

«Há que retomar o estudo do movimento operário clássico de uma forma desengajada, liberta desde logo das várias espécies de herdeiros políticos ou pseudoteóricos, que não transportam senão a herança do seu fracasso. Os aparentes êxitos deste movimento são os seus fracassos fundamentais (o reformismo ou a instalação no poder de uma burocracia estatal) e os seus fracassos (a Comuna ou a revolta das Astúrias) são, até hoje, os seus êxitos mais declarados, tanto para nós como para o futuro.» («Notas editoriais», *IS* n.º 7.)

2

A Comuna foi a maior festa do século XIX. É aí que encontramos, na base, a consciência de que os insurgentes se tornaram senhores da sua própria história, não tanto ao nível da decisão política «governamental» mas da vida quotidiana, naquela Primavera de 1871 (ver o jogo de *todos* com as armas; o que significa: jogar com o poder). É *também* nesse sentido que se deve compreender Marx: «a maior medida social da Comuna foi a sua própria existência em actos.»

3

A afirmação de Engels «Olhai a Comuna de Paris. Foi a ditadura do proletariado» deve ser levada a sério como um ponto de partida para o que não é a ditadura do proletariado enquanto regime político (as diversas modalidades de ditadura sobre o proletariado, exercidas em seu nome).

4

Todos puderam fazer as suas justas críticas às incoerências da Comuna, à falta manifesta que fez um *aparelho*. Mas uma vez que, como estamos hoje convencidos, o problema dos aparelhos políticos é muito mais complexo do que pretendem os herdeiros abusivos do aparelho de tipo bolchevique, é tempo de considerar a Comuna não já como um primitivismo revolucionário a partir do qual ultrapassámos todos os erros, mas como uma experiência positiva que, porém, não nos fornece toda a verdade nem a realizou por completo.

5

A Comuna não teve chefes, e isto num período histórico em que a ideia de que era preciso tê-los dominava absolutamente o mundo operário. Assim se explicam, desde logo, os seus fracassos e êxitos paradoxais. Os dirigentes da Comuna eram incompetentes (se tomarmos por referência o nível de Marx, de Lenine ou mesmo de Blanqui). Mas em contrapartida, os actos «irresponsáveis» desse momento são precisamente o que deve reivindicar de imediato o movimento revolucionário do nosso tempo (mesmo sabendo que as circunstâncias quase o limitaram a um estado destrutivo – o exemplo mais conhecido é o que diz o insurgente ao burguês suspeito que afirma que nunca se meteu na política: «é precisamente por isso que te vou matar.»)

6

A importância vital de armar todo o povo manifestou-se na prática e simbolicamente de uma ponta à outra do movimento. No geral, não se deixou nas mãos de destacamentos especializados o direito a impor pela força uma vontade comum.

O valor exemplar dessa autonomia dos grupos armados teve o seu reverso na falta de coordenação. A sua ausência, em todos os momentos ofensivos ou defensivos da luta contra Versalhes, impediu a força popular de atingir um grau de eficácia militar. Mas não se pode esquecer que a Revolução Espanhola se perdeu, e com ela a própria guerra, na sequência de uma tal transformação em «exército republicano». Podemos pensar que a contradição entre autonomia e coordenação dependem grandemente do nível tecnológico da época.

7

A Comuna representa, até hoje, *a única realização de um urbanismo revolucionário*, atacando no terreno os signos petrificados da organização dominante da vida, reconhecendo o espaço social em termos políticos, descrendo na inocência de qualquer monumento. Os que caracterizam esta atitude como um niilismo lúmpen-proletário, exemplificando com a irresponsabilidade das incendiárias[1], devem confessar, em contrapartida, tudo o que consideram que se deve conservar da sociedade dominante (ver-se-á que é quase tudo). «Todo o espaço está já ocupado pelo inimigo (…) O momento em

1 *Pétroleuses* – grupos organizados de mulheres militantes da Comuna que incendiaram diversas zonas de Paris nos últimos dias de Maio. N.T.

que surgirá o urbanismo autêntico será a criação, em certas zonas, do vazio dessa ocupação. Aquilo a que chamamos construção começa por aí. Compreender-se-á recorrendo ao conceito de *buraco de electrão*, cunhado pela física moderna.» («Programa elementar de urbanismo unitário», *IS* n.º 6).

8

A Comuna de Paris foi derrotada menos pela força das armas do que pela força do hábito. O exemplo prático mais escandaloso foi a recusa em recorrer ao canhão para tomar o Banco de França, justamente quando o dinheiro mais falta fazia. Enquanto se manteve o poder da Comuna, o Banco permaneceu como um enclave versalhês em Paris, defendido por algumas espingardas e pelo mito da propriedade e do roubo. Os restantes hábitos ideológicos foram um desastre sob todos os pontos de vista (a ressurreição do jacobinismo, a estratégia derrotista das barricadas face à memória de 48, etc.).

9

A Comuna mostra como os defensores do velho mundo sempre beneficiam, de uma forma ou de outra, da cumplicidade dos revolucionários; e sobretudo dos que *pensam como eles*. O velho mundo conserva assim as bases (a ideologia, a linguagem, os costumes, os interesses) no campo dos seus

inimigos e serve-se delas para reconquistar o terreno perdido. (Só lhe escapou, como sempre, o pensamento em actos próprio do proletariado revolucionário: o incêndio do Tribunal de Contas.) A verdadeira «quinta coluna» está no próprio espírito dos revolucionários.

10

O episódio anedótico dos revolucionários que chegam nos últimos dias para destruir Notre-Dame e esbarram no batalhão dos artistas da Comuna é pleno de sentido: é um bom exemplo de democracia directa. Mais: torna claros os problemas ainda por resolver na perspectiva do poder dos conselhos. Será que aqueles artistas tinham razão quando defendiam uma catedral em nome de valores estéticos perenes e, em última análise, do espírito de museu, enquanto outros homens procuravam, precisamente nesse momento, levar por diante um gesto que desse expressão, através da demolição, ao seu desafio total a uma sociedade que, face à derrota iminente, lançava as suas vidas no vazio e no silêncio? Os artistas partidários da Comuna, agindo como especialistas, encontravam-se já em conflito com uma manifestação extrema da luta contra a alienação. Devemos criticar os homens da Comuna por não terem ousado responder ao terror totalitário com o emprego total das suas armas. Tudo leva a crer que *se fizeram*

desaparecer os poetas que, nesse momento, traduziram a poesia em suspenso da Comuna. O volume de actos inconclusos da Comuna permite que se considerem «atrocidades» os actos esboçados cuja memória foi censurada. A frase «aqueles que empreendem revoluções a meias não fazem senão cavar a própria sepultura» explica *também* o silêncio de Saint-Just.

11

Os teóricos que reconstituem a história daquele movimento, colocando-se no lugar omnisciente de Deus que caracterizava o romancista clássico, mostram rapidamente que a Comuna estava objectivamente condenada, que não havia superação possível. E não se pode esquecer que, para aqueles que viveram o acontecimento, a superação *estava ali*.

12

A audácia e a criatividade da Comuna não se medem, evidentemente, por comparação com a nossa época, mas com as circunstâncias de então na vida política, intelectual e moral. Com a *solidariedade* de todas as circunstâncias por entre as quais deflagrou a Comuna. Assim, considerando a solidariedade das circunstâncias actuais, seja à direita ou à esquerda, já se imagina a enorme criatividade que devemos esperar de uma explosão idêntica.

13

A guerra social de que a Comuna constitui importante um momento perdura até hoje (ainda que tenham mudado bastante as suas condições superficiais). No que respeita ao trabalho de «tornar conscientes as tendências inconscientes da Comuna» (Engels), ainda muito está por dizer.

14

Nos últimos cerca de vinte anos, em França, os cristãos de esquerda e os estalinistas, em memória da sua frente nacional antialemã, puseram-se de acordo para sublinhar o que na Comuna houve de rasgo nacionalista, de patriotismo ferido e, para sermos claros, de «povo francês expressando a sua vontade de ser bem governado» (segundo a «política» estalinista actual), para, no final, ser lançado no desespero pela fragilidade da direita burguesa apátrida. Bastaria, para vomitar esta água benta, analisar o papel dos estrangeiros que vieram para combater pela Comuna e que constituiu, antes de mais, como dizia Marx, a inevitável prova de força que deveria orientar toda a actuação da Europa do «nosso partido» desde 1841.

AH!
Associação Mural Sonoro
Cç. Santana, 169
1150-303 Lisboa